

Editorial

Editorial

*Je me suis mis à être un peu gai,
parce qu'on m'a dit que cela est bon pour la santé*
Voltaire

O sétimo volume da Revista Trágica inaugura o novo formato do periódico que, agora com o subtítulo “estudos de filosofia da imanência”, passa a abarcar pesquisas sobre quaisquer autores e temas que se enquadrem nessa rubrica a evidenciar toda recusa à transcendência à *physis*. Além disso, a Revista Trágica deixa de ser semestral para ter periodicidade quadrimestral, com uma edição a mais por volume anual, o que representa, evidentemente, maior disponibilidade para publicação de textos. Por tudo isso, é com muita alegria que a equipe da Revista, com muitos novos integrantes, oferece ao seu público esta edição.

Dado o histórico do periódico com os estudos Nietzsche, naturalmente pensamos em uma edição que ainda tratasse do autor alemão, mas que já se inserisse no novo projeto temático. A saída escolhida foi tratar da relação que o pensador trava com as Luzes francesas. Para tratar especificamente desta questão, José Nicolao Julião faz excelente levantamento filológico das referências nietzschianas ao Iluminismo para, a partir daí, desvendar o sentido íntimo delas e descobrir, então, o lugar especial que aí ocupa Voltaire. Em seguida, Guillaume Métayer, autor de obra de referência sobre a relação entre Voltaire e Nietzsche, nos brinda com um dos mais surpreendentes capítulos de seu livro, que compara com clareza e segurança o *Zadig* voltairiano e o *Assim falou Zaratustra* nietzschiano, a partir da coincidência do personagem histórico Zoroastro como ponto de interesse inegável a ambos os autores. Ainda na seção “Nietzsche e o século das Luzes francesas”, pode-se conferir o artigo de Fabiano Lemos, que relaciona Sade e Nietzsche, a partir da análise da excreção como mote simbólico da estratégia narrativo-estética de ambos os pensadores.

A seção “Iluminismo francês” se abre com o artigo de Christine Arndt Santana, que realiza um trabalho de erudição de fôlego para apresentar o contexto histórico da escrita do *Elogio a Richardson* de Diderot, justamente esse que ao lado de Voltaire e de Bayle – mas talvez não de Rousseau – pensa o real sem dele fugir. Arndt mostra que a

Ilustração, que de maneira geral era partidária da ideia de que o conhecimento somente era possível através de experiência, encontra na moral colocada em ação um artifício que permite levar adiante o projeto pedagógico e civilizatório traçado para o gênero humano pelos *philosophes*. O texto seguinte volta a Voltaire, com Vladimir de Oliva Mota analisando seu conceito de Deus e mostrando que o teísmo voltairiano subexiste, a despeito de sua crítica feroz ao cristianismo e ao fanatismo religioso em geral. Mas a existência de Deus é constatada como sendo apenas verossímil, o que deixa em aberto a hipótese de que o teísmo voltairiano seria apenas um esforço panfletário de controle do populacho.

Na última seção, “Nietzsche e o riso”, o leitor encontrará artigos sobre Nietzsche e, mais especificamente, sobre o tema do riso e da alegria em seu pensamento – aliás, nada de tão distante do Iluminismo francês circunscrito ao pensamento da imanência, sobretudo o do gaio e espirituoso Voltaire. O primeiro texto a respeito, de Rafael Rocha da Rosa, relaciona o riso ao eterno retorno, com estudo cuidadoso principalmente de passagens da *Gaia Ciência e Assim falou Zaratustra*. Para finalizar a seção de artigos, Joseane Vasques pensa também sobre a questão do riso, com levantamento detalhado das passagens em que o tema aparece no *Zaratustra*.

Na seção de resenhas, que encerra esta edição, Danilo Bilate escreve justamente sobre o *Nietzsche et Voltaire* de Métayer, obra a qual nos referimos acima e cujo sétimo capítulo é publicado na nossa primeira seção.

Como sempre, desejamos uma ótima leitura!

Os Editores